

AÇÃO DIRETA

Diretor: JOSÉ OITICICA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: RUA BUENOS AIRES, 147-A — 2.º ANDAR — SALA 2

ANO VI — N.º 84

Rio de Janeiro, Dezembro de 1952

Preço: Cr\$ 1,00

CAIXA POSTAL 4.538



CONSUMIU-SE A INFÂNCIA A ESPANHA NA UNESCO

CONTRA O BINGO?

SERÁ POSSÍVEL ACABAR COM O JÓGO DENTRO DA SOCIEDADE CAPITALISTA? UMA RESPOSTA AO SR. R. MAGALHÃES JUNIOR

Por JOSÉ OITICICA

Sim. O sr. R. Magalhães Junior, pelo Diário de Notícias, ergue-se contra o bingo, jogo de azar, contrário, portanto, à lei, mas permitido, naturalmente sob a capa de caridade (D. de Not. 11-XI-52).

O articulista escreve, depois de acentuar o erro do chefe de polícia, permitindo a jogatina: "Soube que o chefe de polícia chegou a anunciar que proibiria o bingo. Mas, depois, recuou e deixou que se alastresse. Qual teria sido a força, superior à sua que o colocou na contingência de transigir, com quebra da conduta que devia ter mantido como autoridade policial? Seja qual tenha sido, o fato é que o escândalo do bingo está colocando muito mal o general Resende perante a opinião carioca. Clubes que se dizem esportivos, dedicados às atividades amadoras e falsos clubes recreativos, que não se mantêm dentro de suas finalidades, estão explorando o bingo a todo pano".

Pelo que, depois, diz o articulista, a fúria do bingo é tal, que atinge a receita das bilheterias em cinemas e teatros. Ainda mais, é jogo de azar e, como jogo, atividade nefasta, fator de deformação moral da juventude brasileira.

Contemplo a arrebatada eloquência do teatrólogo e lamento sua perda de tempo, letras e energia.

Dois coisas ressaltam no seu artigo: 1.º o bingo, jogo de azar, deve ser condenado; 2.º há uma força superior, contrabalançadora do manifesto desejo de anular a peste, a endemia, diz o jornalista.

O sr. Magalhães Junior deveria fazer um retrospecto histórico, em todos os países e todas as idades, para ver se houve um só, em qualquer época, onde não vingasse essa endemia. Não é privativa da nossa cidade esse andago. Em todas as cidades do mundo, legal ou ilegalmente, há o jogo bravo, o jogo pegado, o jogo furioso. A franquia apenas intensifica e manifesta, põe nas ruas, o vício latente nas casas. O noticiário dos jornais refere, diariamente, uma batida policial num ou mais antros. Extingue-se um antro aqui, outro abre-se mais adiante sem falar nos muitos antros, os chiques, a que não se atreve, nem de longe, a rudeza dos Javerts. E há sempre subterfúgios infinitos, estratégias geniais, com que se defendem sempre os interessados na batofa. Suprime-se a roleta, o bacará, o campista, logo estoura o pif-paf, a canastra, o buraco, sem falar no pôquer e em tantas outras modalidades da mesma doença:

arriscar! E vejam só, não há esquina, café, bonde, barca, repartição pública onde não se jogue abertamente a chamada porrinha. É jogo baixo por ser geralmente a tostão, mas que ascende amide a um cruzeiro.

E não falemos no jogo do bicho, endemia insanável há sessenta anos.

Se o sr. Magalhães Junior refletisse bem, veria que não adianta condenar este ou aquele jogo, esta ou aquela medida policial. O jogo existe e existirá sempre onde quer que haja moeda corrente, dinheiro, instrumento de capitalização. Todo indivíduo quer dinheiro, mais dinheiro, muito mais do que precisa porque sabe, de fonte limpa, ser ele o único meio de gozar a vida com fartura. Como todos investem nesse rumo, a cobiça cria o jogo, a possibilidade, mutuamente reconhecida, de apropriar-se um do dinheiro dos outros. Isso, porque ninguém pensa em perder, nem o quer. Calçado no azar, na sorte ou nas manhas, nas trapagens, o jogo é sempre um meio de apropriação. Notem que não digo indebita, porquanto, se muitos jogam, todos têm ganhas de ladrão e todo ganho de um é perfeitamente legítimo perante os demais.

Por isso, o ganho é sagrado! é o direito mais reconhecido do mundo, para o qual são inúteis os tribunais.

Logo, o jogo é mera consequência de uma organização social baseada no dinheiro, onde o dinheiro é tudo, diante do qual nada valem moral, honra, bondade ou quaisquer outras virtudes lindas.

O segundo ponto é a tal força superior!

Se, na sociedade, o dinheiro é a maior força a força superior à do chefe de polícia é a força do dinheiro. Os dinheirosos, quanto mais ladrões melhor, mandam e desmandam, legislam, policiam, nomeiam, demitem, fazem o que querem, rindo-se de leis, congressos e polícias. O sr. Magalhães, sabido em tanta cousa, poderia ter especificado muito melhor que nós, alguns nomes próprios por trás do bingo e, procurando bem, sempre acharia algumas figuras ou figuras com que nos deliciar.

Creemos, todavia, ser pura perda de tempo esbravejar contra bingos e chefes de polícia, calando a verdadeira fonte de tudo: o dinheiro, a propriedade particular que ele representa, o Estado burguês, mantenedor dessa propriedade.

Seus artigos, então, teriam valor próprio. Fora disso, estão batendo em ferro frio.

FALANDO COM O LEITOR

Nosso periódico não é comercial, não aceita anúncios pagos, não é político, nem publica, a tanto por linha, notícias ou reclamos; em suma, não temos matéria para. Logo apelamos para os entusiastas de AÇÃO DIRETA, afim de que enviem suas contribuições monetárias para a nossa redação.



"O ECO DO GRITO", quadro do pintor mexicano SIQUEIROS

FRANCO VAI COMETER NOVO CRIME

Enquanto a Espanha é covardemente admitida pelas democracias como membro da Unesco, o trágico ditador Francisco Franco prepara novo crime contra 27 militantes da Confederação Nacional do Trabalho, organização libertária, autêntica represen-

tante do proletariado espanhol. Urge mobilizar a consciência universal contra este nefando crime. Os companheiros em questão, há 5 anos estão presos e serão julgados dentro em breve.

São eles:

Francisco ARAGO
Cristobal CASTELLVI
Luis RUIZ COSTA
Fabian VILLANUEVA
José ASENCIO
Manuel RUIZ
Joaquim LLOPIS GRANELL
Francisco QUESADA
Miguel HARÓ
Saturnino SANZ
Pedro CIPRES
Juan PEREZ
Joaquim CARMONA
José IBANZ

Avenir MARCET
Manuel ANDRE
Felipe LANGA
Julian NUNEZ
Magin SALA
Santiago FERRAGUT
Francisco SANCHEZ
Antonio VICENTE
Pedro GARCIA
Tomás SANZ
Ramon MUÑOZ
Francisco CANNADA
Avelino ROSELL

ESTADO E IGREJA

Em 17 de outubro passado, o Diário de Notícias abria cabeçalho com os seguintes dizeres: Colaboração das forças católicas brasileiras com o Estado.

O assunto era a recepção, no Cate, dos srs. bispos comparecentes na Conferência Nacional dos bispos do Brasil.

Realmente, numas fériasinhas gostosas, despençaram de todos os rincões brasileiros, para esta capital, os atarefados senhores ordinários brasileiros para estudarem os melhores meios de tosquarem, mintto, apostolarem as ovelhas pecaminosas do Senhor, librando-as daquele formidoso lobo, o escuro Satanás e sua infinita quadrilha de asseclas malfezores!

Deitou espiche o arcebispo de S. Paulo, d. Carlos Carneiro Mota. O que disse ele e o que disse o chefe do Estado Brasileiro confirmam admiravelmente a perfeita união das duas

tirantias, a estatal e a eclesiástica, na escravização e exploração do povo, isto é, dos produtores, para deles tudo extrair. Sua vida regalada, de todos eles, se mantém à custa dos que tudo produzem e quase nada recebem.

O arcebispo de S. Paulo elogia o governo de Getúlio Vargas, que pendurou Deus na Constituição de 37, permitiu o ensino religioso nas escolas e o estabeleceu nas forças armadas, oficializou as Faculdades Católicas por todo o país, etc. etc.

Depois diz: "Ponto culminante, porém, na colaboração entre a Igreja e o Estado, no governo de V. Ercia, tem sido em prol da solução da questão social por meio da instauração da Justiça Social. Tal foi o objetivo da magistral encíclica Rerum Novarum e documentos posteriores da Santa Sé e tal, igualmente, o objetivo constante das leis sociais estabelecidas no gover-

(Continua na 2.ª página)

ENÉRGICO PROTESTO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA FRANCESA

O MUNDO LIVRE CONTRA A INFÂNCIA

Aos 19 de novembro passado, foi a Espanha de Franco admitida entre os membros da Unesco. Unesco significa: Organização educacional, científica e cultural das nações unidas.

Ora, essas nações unidas tem, como lema, a democracia; logo, sua educação e sua cultura devem organizar-se em base essencialmente democrática. A palavra clássica definidora dessa democracia, é liberdade. As nações unidas proclamam urbi et orbe que sua finalidade precípua é a de libertar o mundo de quaisquer ditaduras, de qualquer totalitarismo. Consequência lógica de tal atitude seria a de não se permitir, entre os membros de tal organização, nenhuma nação cujo estatuto político e cuja prática partidária esteja calcada nos princípios de Hitler e Mussolini. Ora, Espanha e Portugal acham-se nesse caso. São ambos totalitários, fascistas, antidemocráticos, ditatoriais, aberrantes, em tudo e por tudo, dos princípios da Onu e da Unesco. Consequentemente, não poderiam jamais, se houvesse coerência e vergonha nos conjuntos políticos, participar dessa congregação democrática.

A admissão da Espanha na Unesco era uma afronta, um escárnio, a milhares de espanhóis que só escaparam do fuzilamento por haverem logrado fugir da Espanha.

Resolveram pois os anarquistas de França dar uma demonstração na sede da própria Unesco protestando contra semelhante infâmia.

Copiamos do Jornal do Brasil, do dia 20 de novembro, a seguinte notícia telegráfica: "Um grupo de jovens anarquistas causou sensação na abertura dos debates de hoje, quando se postaram na galeria e na tribuna da imprensa, jogando centenas de panfletos sobre os delegados. Os panfletos traziam, de um lado, a fotografia de Hitler saudando sorridente o general Franco e os dizeres: "Esqueceram-se disto? Nós não nos esquecemos". Do outro lado: "A Unesco que homenageia o ignóbil ditador da Espanha, aliado de Hitler e Mussolini, nada fez para acabar com o analfabetismo que é fomentado pela Igreja e pela falange franquista na Espanha". O folheto vinha assinado pela Federação dos Anarquistas Franceses. Funcionários da Unesco fizeram prontamente evacuar as galerias e os debates prosseguiram." Esses folhetos nós os temos aqui no Rio.

Outro telegrama do mesmo dia, no mesmo jornal, porém de Bruxelas, diz: "Um portavoz da Confederação Internacional dos Sindicatos Livres declarou que a admissão da Espanha na Unesco ia "causar grande indignação entre os trabalhadores sindicalizados do mundo livre". Claro que não, no Brasil!

Mais outro telegrama, de Paris, propalava ter a Internacional Socialista anunciado que rompera relações com a Unesco em protesto contra a admissão, nesse organismo da Onu, da Espanha ditatorial.

Assim, consumou-se o trabalho feito para legitimar um regime abominável, fascista e antidemocrático, num organismo declaradamente votado a combater quaisquer regimes da obra dos fascistas Mussolini e Hitler. Isso quase por unanimidade, sem o menor assomo de indignação, sem nenhuma pressão à camarilha da Falange para modificar o regime tirânico totalitário, do país. Franco penetrou no recinto como está, avesso em tudo à democracia, que por intermédio de seu embaixador em Paris jurou defender!

Todos eles, uns grandes pulhas, abençoados por sua santidade o Papa e toda a Madre Igreja, iguaisinhos a eles!



ESPANHA

Do livro recém-editado "ASSIM CANTAVA UM CIDADÃO DO MUNDO", por Roberto das Neves a que noutra lugar nos referimos.

A Manuel Pérez, administrador do jornal anarquista "Ação Direta", que jaseu, três anos, condenado à morte, nas masmorras de Franco.

Sob o signo feroz da bárbara Falange, debate-se, convulsa, a Espanha alucinada. O espectro aterrador da parca Torquemada anda a brandir na treva o ensanguentado alfanje.

É um presídio a Espanha, horrível casamata. O guarda é um monstro — Franco — o anão inquisidor gerado por um lobo, em noite de pavor, num coito espúrio, vil, com sórdida beata.

Prisioneiro da Cruz, da Espada e do Milhão, definha o triste Povo, em lento paroxismo. E os anarquistas vão, em lances de heroísmo, diariamente morrer em frente a um pelotão.

Caçam-nos a Polícia, os padres e os soldados. Vivem na catacumba, ocultos, quais bandidos. E vêm, de vez em quando, à rua, destemidos, justiceiros, vingar os vilipendiados.

E nesta nobre Espanha, imersa em crueldade, cimentado com o sangue e as lágrimas do Povo, andam alicerçando um mundo forte e novo — o mundo ideal do Amor, da Paz, da Dignidade.

Rio de Janeiro, 1.º de Maio de 1952.

Estudos Sociais

Pedidos a Francisco Laissue — Rua do Rosário 149, sob., Rio de Janeiro.

P. Kropotkin	— El apoyo mutuo	90,00
"	— La gran Revolución (Historia de la Revolución Francesa)	40,00
"	— Origen y evolución de la moral	36,00
P. Proudhon	— Sistema de las contradicciones económicas (Filosofía de la Miseria)	90,00
"	— Que es la propiedad?	54,00
J. M., Guyau	— Confesiones de un revolucionario	54,00
"	— La irreligión del porvenir	90,00
W. Godwin	— Investigaciones acerca de la justicia política	90,00
J. Costa	— Colectivismo agrario en España	90,00
A. Fouillée	— Bosquejos psicológicos de los pueblos Europeos	90,00
Pi y Margall	— Las nacionalidades	60,00
H. Claude	— De la crisis económica a la guerra mundial	42,00
James Warbase	— El sistema cooperativo (Un método para la reconstrucción mundial)	54,00
Gonzalez Prada	— Horas de lucha	45,00
G. Landaauer	— Incitación al Socialismo	54,00
E. Frugoni	— Génesis, esencia y fundamento del Socialismo	120,00

Ponto 32. HISTÓRIAS, FOLCLORE, NARRATIVAS INFANTIS

1. Essas histórias têm o sentido restrito de histórias da carochinha ou, como eu ouvia dos meus pais, em criança, histórias do Trancoso. Só adulto, vim a identificar esse Trancoso, mistério para mim. Chamava-se Gonçalo Fernandes Trancoso. Viveu no século XVI. Ignora-se onde e quando nasceu; provavelmente entre 1515 e 1520. Escreveu 38 Contos e Histórias de provento e exemplo, diz ele, por ocasião da grande peste ocorrida em Lisboa, no ano de 1569. Suas histórias, sem serem propriamente contos, são narrativas com essência procuradamente moral ou instrutiva. Os assuntos, segundo Carolina Michaelis, foram hauridos nas coleções italianas de Sacchetti, Straparola e Boccaccio. Ela exemplifica apontando a história de Grisélia. Algumas dessas histórias merecem apenas a denominação de casos ou anedotas.

Em que se distinguem tais histórias das narrativas para crianças? Em que são dadas como possíveis, não refugam a verossimilhança; dirigem-se, demais, propriamente, a adultos, com o fito de lhes ensinar moral e religião.

2. O assunto, o caráter e o estilo dessas histórias variam muito. Sabem todos o caráter malicioso e por vezes, fescenino do Decameron, opostos aos sempre moralizantes de Trancoso. Os contos de Hoffmann, já muito mais próximos do verdadeiro conto, são narrativas repuxadas ao trágico. Algumas das histórias maravilhosas de Poe são caracteristicamente histórias do Trancoso, com armarção, conteúdo e estilo de todo diferentes.

Em resumo, desde que há um episódio meramente curioso, sem relevo algum de um aspecto da vida, escrito com fim cômico ou erótico, puramente estranho ou trágico, classificaremos o escrito entre as histórias (do Trancoso). Carolina Michaelis chamou-lhes novelctas; mas, embora diminutivo, não caracteriza bem, tal nome, um gênero nada apenso ou análogo à novela.

3. Bem característica desse gênero, à moda Trancoso, é aquele caso do pai que, opulento, deixou a seu feitor Pedro, por testamento, sua riqueza tendo por morto um filho, João. Este lhe fugira de casa, moço ainda. Ao morrer, fez o pai testamento legando tudo ao feitor, sem se esquecer do filho, possivelmente vivo. Declarou, então, no testamento que, se aparecesse o filho, Pedro "dê ao dito João, meu filho, o que Pedro quiser sem ser constrangido a outra coisa, e a demais lhe fique". Sabendo o João da morte do pai e da avultada herança, voo à cidade natal; mas, Pedro lhe opôs o testamento e não lhe quis dar mais que cinco mil cruzados, uma ninharia comparados ao montante da fazenda.

João, a conselho de um velho amigo do pai, moveu ação e ganhou-a com uma sutil interpretação da letra testamental, apresentada ao rei por um mirrado juiz, indignado com a avaréza do feitor e disposto a castigá-lo. Diante do rei, mandou Pedro escrever numa folha de papel tudo quanto da herança queria. Pedro escreveu um rol de quase todos os bens. Em outra folha, pediu a Pedro que escrevesse a sobre que este daria a João. Perguntou se estavam de acordo. Estavam e assinaram. E o juiz lavrou a sentença do seguinte modo: "O testamento manda que Pedro dê a João o que ele, Pedro, quiser. Ora, o que Pedro quer é o que está nesta folha. logo, o que está nesta folha deve ser dado a João.

A POLITICA

Por RAFAEL BARRET

Uma ilusão comum é a das formas de governo. Crê-se diminuir a tirania suprimindo o tirano e estabelecer a liberdade por decreto. Supõe-se que a forma da vasilha introduz mudança na natureza do líquido e que uma constituição e um parlamento servem para alguma coisa. Assombra-se o mundo de que seja exatamente tão impossível exercer os direitos cívicos agora, que se reconhecem e são decodificados por lei, quanto na época de um despotismo concentrado num homem e consagrado pelo povo. E' que o sentimento da dignidade pessoal não é obra de políticos. Não é nos convênios dos conspícuos com sorte que nasce a justiça, mas nos lares. Não é nos costumes públicos que se inicia o progresso, mas nos pessoais. Quando os corações permanecem intactos, as reformas escritas se reduzem a um detalhe grotesco.

Descobrimos a conservação da matéria e a conservação da energia, nas regiões do físico; acrescentemos, no terreno social, a conservação do coeficiente bárbaro. Agitado, com o vento vão das revoluções queridas, a superfície do mar da pátria: não se alterará um só milímetro o nível médio dos instintos e das paixões. Os séres vivem e se transformam de dentro para fora. Não há decoração, por

hável e brilhante que se pinte, capaz de produzir futuro duradouro. Os governos e os costumes administrativos não são causa, mas resultados. Parecem reinar porque estão encarapitados no cume; mas, nem os para-raios inventam a eletricidade, ainda que néles se desprume o raio, nem os palácios burocráticos engendram um átomo de potência coletiva. Equivoco supremo dos que vão à política para salvar o país.

Existe uma política fecunda: não fazer política; uma maneira eficaz de conseguir o poder: fugir dele e trabalhar em casa. Um grupo de pessoas que não trouxeram à ciência uma verdade nova, nem à arte ou à moral uma modalidade nova de nossas emoções, é impotente: de nada, nada se tira. Governar é distribuir e redistribuir o velho pelos canais velhos. Único trabalho útil: compô-los, construir outros, enriquecer e purificar o líquido circulante. E' possível fazer isso de cima? Nunca. O tabique da burocracia e da adulação oficial é imperfurável: a seiva vem de baixo, das raízes. Não nos ocupemos de política, semeemos nosso campo e não chamemos às portas douradas. A vida nacional nascerá em nosso cérebro e em nossas mãos, e não nas mesas empoadas e nos expedientes carunchosos dos escritórios de orçamento.

Esquecer-nos-emos da política. Continuará ela, talvez, visível como uma casca flutuante, mas, somente alcançará influência de associação parcial e parcimoniosa: a política será um clube extenso, uma franconçaria semi-inofensiva, o que é nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Bélgica, na Suíça, nos países habitáveis. Isolada, desprezada, murchará para sempre e, então, reassumiremos o timão dos nossos destinos. Somos donos de desviar as correntes vitais, de conseguir que reguem e frutifiquem nossa horta e não o vazio deserto das ambições borgianas: Façamo-lo.

Democracia? Fracionamento da crueldade e da intriga; isso é tudo. Contemplei nestes dias nossos jovens eleitores, de revólver no cinto e lenço ao pescoço, a contar as descargas que lhes dirigiam por entre as árvores. Política. A boa fé dos que começam a pensar e a lutar é evidente; não obstante, seu erro é um erro fundamental. Querem corrigir a política? Desprezem-na! Estudem em silêncio, edificuem seu espírito e seu ninho, forjem em seu rincão, o pedaço de armadura que lhes caiba e a nação, reunidas suas vértebras, será forte. Um bom médico, um bom engenheiro, um bom músico, eis algo muito mais importante que um bom presidente da república.

ESTADO E IGREJA

(Continuação da 1.ª pág.)

no de V. Excia. Graças a esses esforços reina a paz social do Brasil".
Oucam bem os trabalhadores! Esse bispo paulista, bem comido, bem bebido, bem dormido e muitos outros bens por acréscimo, do alto da sua boa vida milagrosa, proclama ao escorchado trabalhador brasileiro que reina a paz social do Brasil!

Esse servidor de Cristo deve saber que a paz social do Brasil foi alcançada com as leis sociais copiadas do fascismo de Mussolini, aliado da Igreja e assassinado pelo povo italiano, exasperado com as desgraças por ele suscitadas. Deve saber que essas leis já foram ab-rogadas na Itália, mas ainda persistem no Brasil por vergonha nossa e do governo brasileiro, se tal coisa tivesse. Deve saber que, só por meio da tirania do Ministério do Trabalho e da Polícia, existe essa aparente paz social, escandalosa mentira numa chamada democracia onde os operários não são livres de dizerem o que pensam. Deve saber que os sindicatos, escravizados, nem sequer do seu dinheiro podem dispor e que esse dinheiro tem servido aos tubões e seus apaniguados para construir apartamentos que se vão valorizando à custa dos trabalhadores.

Ao terminar, declarou esse alto parasita social: "Nós prometemos nossa oração, a nossa colaboração pela perpetuidade da simbiose da Igreja e do Estado no Brasil, tão desejada sempre e indispensável hoje para enfrentar a mancomunação dos nossos inimigos com u n s, internos e externos".

O bispo de S. Paulo empregou a palavra exata: simbiose. Símiose é a vida de dois seres vivos em auxílio mútuo. Ai temos a Igreja prometendo ao Estado uma vida de auxílio mútuo. Sentem ambos que periclitam porque

a humanidade já os não tolera e vão-se sustentando, assim, uma ao outro num contubernio imoral pois o a que aspiram é somente manterem-se no vértice da pirâmide, dominando os homens, haurindo-lhes o suor, vampirizando-os para gozo próprio e das suas negregadas camarilhas.

O presidente respondeu confirmando a tal simbiose "acentuando (palavras suas) o interesse comum do governo e das forças católicas brasileiras pela sorte dos humildes e dos esquecidos...".

A sorte dos humildes e dos esquecidos!

Nas mãos do Estado e da Igreja! Ele e ela estão demonstrando cada dia o cuidado mimoso com o povo.

Apenas, o povo, o eterno iludido, já está vendo que o pai dos pobres tem sido, muito mais, mãe dos ricos e que a tal Igreja Católica, ex-aliada de Mussolini, vive em simbiose muito mais com os ricos do que com os pobres, por mais que sejam as penétras com que tentam encobrir o sol.

O dia do ajuste soará!
A Anarquia at vem!

COLÉGIO DO AR RÁDIO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

AULAS DE PORTUGUÊS

ministradas pelo nosso companheiro Prof. José Oiticica.

Horário: 2.ª e 6.ª feiras às 8 horas. 3.ª e 6.ª feiras das 19 às 19,30 horas

IBSEN E A QUESTÃO SOCIAL

Conferência pronunciada por José Oiticica

Com a presença de numeroso público entre os quais o Sr. embaixador da Noruega e esposa, efetuou-se na Escola de Teatro da Prefeitura do Distrito Federal, aos 16 de dezembro, a conferência acima intitulada. A tese original desenvolvida por nosso companheiro Oiticica de que Ibsen não era anarquista ficou cabalmente demonstrada pela análise minuciosa da obra do teatólogo norueguês, ainda que pese à crítica nacional e estrangeira que o considera libertário, por não ter idéia clara do que seja o anarquismo. Traçou o conferencista um paralelo entre Ibsen e Aristófanes, este sim considerado autêntico ácrata que, há 2000 anos, fez crítica sistemática das instituições políticas da época, e ofereceu solução positiva solução anárquica, coisa que Ibsen jamais fez. Por fim foi apresentada a obra teatral de Tolstói, quasi inteiramente desconhecida, tendo o conferencista rápidas considerações sobre as "utopias" anárquicas que se tornaram realidades e encerrou com a frase lapidária de Bovio: "anárquico é o pensamento e para a anarquia marcha a história".

Foi sem dúvida esplendida noitada que encheu de satisfação o público presente.

CURSO DE LITERATURA

PROF. JOSÉ OITICICA

(Catedrático do Colégio Pedro II)

O rei admirou-se da argúcia do juiz que percebera a ambigüidade da frase e, muito contra a vontade do testador, mas também punindo a avaréza de Pedro, resolvia a pendenga ao agrado dos ouvintes. Satisfeito, confirmou a sentença, ordenando se desse apenas a sobre ao feitor.

4. Há um repostório vasto de narrativas dessas. Entre nós, vingaram as assinadas por Malba Tahan e hauridas nesse surrao internacional com adaptações mais ou menos hábeis.

Essas narrativas não se podem catalogar entre as de folclore pois têm, quase todas, fundo literário. Ainda as chamadas tradicionais revelam claramente sua estampa culta mau grado os desgastes do tempo.

5. A epígrafe folclore, á claro, está restringida aqui às sós manifestações literárias, á expressão, pela palavra, do que gira no cérebro popular. Gustavo Barroso em seu livro Através dos Folk-lore, assinala, num período, toda a vastidão do folclore: "O folclore abraça vastíssimo quadro da vida popular. Pode-se mesmo dizer que é toda ela: construções aldeãs, marcas de propriedade em cousas e bichos, objetos úteis, arte rústica, psicologia das gentes, costumes, ornatos, vestes, alimentos, cerimônias, regras jurídicas, jogos, folguedos, brinquedos infantis, instrumentos, religião, mitos, lendas, superstições, medicina, canções, provérbios, inscrições, músicas, danças, autos, pastorais, contos, fáceias, anedotas, linguajar, denominações de toda espécie". Essa enumeração, segundo o autor, coincide com o índice levantado por uma autoridade Hoffmann-Krayer.

Neste curso, limita-se o folclore às manifestações da psique popular pela fala. A linguagem, no povo, é geralmente oral. Os eruditos e o anarquetos dessa literatura colhem, no papel ou no disco. Isto é, indireta ou diretamente, toda essa produção.

6. O propriamente literário, nesse acervo, são as lendas, mistificadas umas, outras zoológicas ou zoolétricas, cosmogônicas ou narrativas de lutas contra a natureza ou contra homens inimigos. As lendas podem ser universais ou locais, refletindo-se, todavia, em muitos locais, a concepção fundamental das universais.

Demais disso, há tipos figurantes internacionalmente em lendas e narrativas com animais. Gustavo Barroso mostra a importância do papagaio na lenda universal e no anedotário.

Outros animais, o cão, a raposa, o lobo, o sapo, o burro, homens horrendos, gigantes, anões, reis, príncipes e princesas, guerreiros incomparáveis santos e santas, animais ou seres imaginários porém definidos, tudo isso é material para essa literatura sedutora e instrutiva.

7. Basílio de Magalhães, assim classifica os assuntos da literatura folclórica: a) ciclo da mística zoológica; exemplo: a onça

e o bode; b) contos de metamorfoses; exemplos: a aranha caranguejeira; c) contos faceciosos exemplo: o papagaio pelado; d) contos referentes aos mitos primários do antropismo africo-americano; exemplo: a mãe água; e) contos éticos; exemplo: a madrasta; f) contos maravilhosos; exemplo: a mulher feiticeira; g) contos religiosos, os presos a lendas cristãs.

Gustavo Barroso tem outra classificação. Divide tudo em dois ciclos: o dos bandeirantes e o heróico ou dos canageiros. (Ver os livros dos autores citados, ou, mais á mão, as Noções de literatura brasileira, da professora Albertina Fortuna, pg. 20 e seg.)

8. A literatura folclórica de cada país cria tipos significativos. Os tipos brasileiros são inúmeros e neles se nota a fusão das raças. Verifica-se, demais, o regionalismo natural em país tão vasto. Eis alguns dos tipos mais conhecidos: o anhangá, o corupira, o saet, e o negrinho do pastoreio, a uiara ou lara, o tutu (com várias designações), o bobatá, o quibungo, o jaboti, o teiu, a onça, o urubu, o zumbi, o caiteu, o lobis-homen, o minhocão, a búnia, a lemanjá (que se tornou culto praieiro), o jurupari, o matim-tapere, o mapinguari, a curacanga, o pé-de-garrafa, o cumunjarim, o mão-de-cabelo, o chibamba, o mão-pelada, o cabeça de cuia, o corpo-sêco, os zahoris, a mulita, a mula-sem-cabeça, etc., etc. Veja-se a relação mais ou menos completa na obra citada de Basílio de Magalhães — p. 69 e segs.)

9. A colheita de lendas e contos do Brasil já é vasta e podem-se ver nas obras citadas e mais no livro O folclore negro do Brasil de Artur Ramos. Impossível enumerá-los aqui.

10. Cabe-nos ainda falar da chamada literatura infantil. Caracteriza-se, geralmente, repito, pela inverossimilhança. São histórias de fadas, anjos, santos e santas, personagens míticos tradicionais, ou até seres inanimados, feitos gente. E' célebre, entre as eriações modernas, Pinocchio, o boneco de pau, do italiano C. Calloidi. Os livros de Monteiro Lobato estão cheios de entidades humanizadas, algumas ridículas e indamiáveis até para crianças. Todavia, o êxito de tais livros e mais os tipos cinematográficos do Superhomem, de Tarzan, Poppey e tantos outros, alguns de indigerível mau gosto (exemplo Poppey), revela ser, nesse terreno, tudo possível e todada a imaginação infantil de infinita elasticidade.

Se, todavia, quiséssemos selecionar uma literatura fina (antípoda do horrendo pato Donald e outras deformações), não faltaria abundante literatura em todas as línguas cultas. Ainda aqui, sobrenadando os tradicionais contos de Andersen, os dos Grimm, os de Schmid, os de Tolstói, as célebres narrativas do Il cuore de De Amicis (com fundo patriótico), etc., etc., sem remontar-nos aos maravilhosos, antigos, das Mil e uma noites.

Modernamente, essas narrativas multiplicaram-se aplicando-se a todos os conhecimentos. Desceti a população primária aquele processo de ensino recreativo, famoso, aplicado à juventude ginásial por Júlio Verne em Franca e Karl May na Alemanha.

São inúmeros, ainda, os contos de Natal. Alasirou-se, igualmente, vastíssima epidemia de contos para jeunes-filles, meninas castas e sisudas, as denominadas coleções cor de rosa com lastro religioso, verdadeira água com açúcar da literatura.

Ponto 33. DO CENÁRIO NO ROMANCE E NO TEATRO

RESISTÊNCIA ANARQUISTA CONTRA PERON: Por se terem os militantes da Federação Obreira Regional Argentina, organização libertária de ação direta, recusado a concorrer com um dia de trabalho para erigir uma estátua a EVA PERON, foram presos e brutalmente torturados. O Movimento Anarquista Argentino, fortemente coeso em todos os setores, está movendo forte campanha de agitação visando a libertar os companheiros vítimas da sanha peronista.

UM POETA ANARQUISTA

ROBERTO DAS NEVES E SEU LIVRO "ASSIM CANTAVA UM CIDADÃO DO MUNDO"

Nosso companheiro Roberto das Neves, anarquista provado e comprovado em mil batalhas contra o Estado e seus mantenedores — escores de uma casa a cair — acaba de publicar seu poema revolucionário, enfiado com o título sugestivo: Assim cantava um cidadão do mundo, poemas que o levaram por treze vezes, conforme avisa, aos cárceres do ditador português Oliveira Salazar, patrão perpétuo da lusitana gente!

O livro, interessantíssimo, é uma sucessão de brados rebeldes contra as religiões exploradoras, o Estado, sábia de tiranos e ladrões do povo, os facinorosos de toda casta, escudados na lei, bancos, políticos, proprietários, guerreiros e lutu quanti, que nós, anarquistas, denunciaremos à consciência humana como criminosos e combatemos com quantas armas podemos.

Uma das suas dedicatórias, a última diz tudo: "Aos que, em todo o mundo, lutam pela abolição das fronteiras que tolmem os povos de entender-se e amar-se".

No seu prelúdio diz:

Amor santo e universal
eis a musa que me inspira.

O autor não quer bandeiras nem fronteiras, por isso não é português, é cidadão do mundo, por isso quer uma língua comum e é esperantista; clama assim:

Que belo seria o mundo
Se não tivesse fronteiras
e uma só língua falasse
sem divisão de bandeiras!

O poeta arremete, violentamente, contra o crime arqui-monstruoso das guerras; culpa a todos os fatores dessa grande infâmia; mas não exculpa os trabalhadores. Também eles, incons-

cientes, cooperaram nessa degradação. Como? Trabalhando para os banqueiros na fabricação de armas, em lugar de, coerentes, mandá-los guerrear-se uns aos outros por conta própria, fazendo eles as armas e indo para os campos de batalha com seus parentes. E o poeta clama indignado:

Mas, no obreiro, é imperdoável forjar canhões assassinos...

ou então:

Maldito seja o que armas forjar roubando o aço ao arado.

É comovente o seu poema em prosa: Não! Não! Não! É a resposta única, devida, pelos homens de coração, ao apelo às armas dos Estados! Uma formal recusa de quantos pensam, trabalham e amam, recusa peremptória que só os anarquistas pregam e fazem.

Seu poema Dor humana é uma representação trágica, mas verdadeira, da miséria da maioria dos trabalhadores em todos os recantos do mundo e em todos os setores profissionais.

Seria um não acabar a menção dos seus mais sugestivos trabalhos; mas, cumpre salientar a coragem com que o poeta arrosta os poderes de Portugal, zurrindo-os de face, sem qualquer medo de revide.

Em outra página deste periódico, pode o leitor, interessado, ler a poesia Espanha, oferecida a Manuel Pérez, nosso administrador.

O anarquismo português tem seu vibrante poeta, hoje exilado no Brasil onde, com sabida eficácia prossegue na luta contra o capitalismo internacional de qualquer cor.

Saudamo-lo efusivamente.

Pedidos a Manuel Peres, Caixa Postal 4588, D. Federal. Preço Cr\$ 50,00.



EUVALDO LODI E A VERBA DO SESI E DO SENAI

O deputado Euvaldo Lodi, o tal que já mais prestou contas da astronômica dinheirana do Sesi e do Senai, presidente da Confederação Nacional das Indústrias, acusado pelo procurador Cunha Mello oficialmente, de ladrão, embarcou para Roma, filho amantíssimo da Igreja, convidado a proferir a aula inaugural dos cursos da Universidade Internacional de Estudos Sociais.

Todos perguntam que notabilidade científica a desse cavaleiro para merecer tal distinção e ninguém responde; mas, o Diário de Notícias do dia 2 de dezembro trata do caso, oferecendo ao convidado um tema interessantíssimo: "explicar no estrangeiro o que jamais quis explicar no Brasil" a aplicação das vilosíssimas verbas compulsoriamente arrecadadas pelo Sesi e pelo Senai, verbas estas que, segundo demonstramos em nossa edição de 9 de novembro findo, já em 1950 atingiam à astronômica cifra de 650 milhões de cruzeiros". O Diário desenvolve esse tema, sugerindo que explique lá a origem de tais entidades; como se esquivia a prestar contas dos dinheiros arrecadados compulsoriamente; como se completaram com tal quantia grupos favorecidos, irresponsáveis perante o governo e o povo defraudado; como com ela, se pagam polpudas contas à imprensa para propaganda pessoal, se dão empregos aos filhinhos dos papais grandes, se financiam empresas votadas à falência, encampadas depois entre compadres, sem a mínima prestação de contas, se estendiam clubes de futebol e orquestras sinfônicas, etc. etc.

O resultado? Muitos de nós, vimos nos noticiários dos cinemas, o sr. Euvaldo Lodi, patriota, banqueiro e católico fervoroso, recebendo uma medalha de honra naturalmente pelos relevantes serviços feitos à pátria e à religião.

E Euvaldo Lodi grimpa as alturas e numerosos euvaldinhos dormem no xilindro.

Aqui e em toda a parte. Não é, pois, de admirar que Euvaldo arrenege da Anarquia onde os Lodis e os Chateaubriands são impossíveis, por não haver nenhuma cifra, nem astronômica nem microscópica.

UMA APRECIACÃO SOBRE AS REVOLUÇÕES FRANCESA, RUSSA E ESPANHOLA

— Por CRISTÓBAL GARCIA

Se há um 14 de julho de 1789 e a tomada da Bastilha abre de par em par as portas a uma nova Era para a Humanidade; se a revolução de julho de 1830 e a de fevereiro de 1848, a Comuna de Paris, em março de 1870, a Revolução Russa de outubro de 1917 formam época na história humana, a Revolução espanhola de 19 de julho de 1936, com perspectiva histórica, adquirirá, a cada dia transposto, maior transcendência social.

A Revolução espanhola de 1936 ficará perene na mente dos homens. Passarão os dias, os meses e os anos; mas, a memória de 19 de julho de 1936 permanecerá inapagável na memória humana.

No 19 de julho de 1936 falaram na Espanha as vozes eternas que proclamaram os direitos do homem; falaram quanto se levantaram combatendo a escravidão, a injustiça social, a tirania; falaram as de todos os sonhadores de um mundo melhor, com o anelo de superar, com a linguagem dos fatos, as concepções humanitárias dos Campanellas, dos Godwins, dos Proudhons, dos Mellas, dos Owens, dos Salvocheas, dos Ferrer y Guardia, dos Cabetts, dos Kropotkins dos Réclus, dos Saint-Simons e de tantos idealistas e doutrineiros, as mais ousadas do socialismo autoritário e do socialismo decrata. No 19 de julho, o povo espanhol se bate, de armas nas mãos, pela liberdade do mundo inteiro.

Desde 1868, na Espanha segue a revolução seu curso. Da queda de Isabel ao advento da primeira república, encontram as idéias internacionalistas campo aberto na Espanha, mau grado o regime ditatorial imposto por um histrião condecorado, a fera carniceira, a figura mais repelente e grosseira que jamais conheceu a história da criminalidade: Francisco Franco Bahamonde. Encontram-nas porque o povo espanhol já delas tinha consciência.

Não foram precisamente Kropotkin, Godwin, Fanelli, nem Proudhon os que introduziram o anarquismo e as doutrinas da Internacional na Espanha; não foi Lafargue o que introduziu as idéias socialistas. O federalismo, o anarquismo, o socialismo estavam presentes no povo espanhol antes de haverem tomado corpo de doutrina, difundidos no mais seletos das camadas populares.

O povo espanhol tem visão clara do que representa o patrimônio feudal e burguês, o patrimônio mandarquico e eclesiástico, a detenção de privilégios sociais e políticos e por isso se que fêl ao ideal emancipador. Sente, portanto, necessidade de fazer sua Revolução Social. Sentiu isso e o sente ainda hoje.

Caída a primeira república, após os golpes de Estado dos generais Pavia e Martínez Campos, após a Restauração e até nossos dias, continuam os trabalhadores atirando-se às ruas ao grito de: "Abaixo Franco! Viva a Revolução Social!" e esse grito é o que não poderá abafar, nem jamais abajará na Espanha, e Caudillo nem sua pandilha de bandeoleiros, esses que, ao perpetrarem seus crimes invocam Maria Santíssima, seu Filho e o Espírito Santo.

Há quatro revoluções que, por seu caráter social, umas, por sua forma política, outras, merecem citar-se em vista do que fizeram e pelo que deturaram de fazer.

A Revolução Francesa de 1789 destruiu o feudalismo, destruiu a dinastia, elevou a burguesia nascente e atirou aos quatro ventos os chamados Direitos do Homem, direitos que, durante a mesma revolução, ficaram incumpridos. As lutas entre os partidos e os atentados cometidos contra as

pessoas de seus mais conhecidos dirigentes e contra os que não se conformavam, demonstraram o que tinham de teórico e rouco de prático aqueles proclamados direitos.

A de 1871 irrompeu em circunstâncias excepcionais e pouco propícias a completo triunfo, mas não se distingue por seu caráter essencialmente federalista e de autonomismo local.

A Revolução Russa de 1917-18 chamaram, os que souberam colher-lhe os benefícios, socialista. E o socialismo da U.R.S.S. nem sequer teórico apareceu. Uma vez triunfante, todas as frações e minorias socialistas, de tendência marxista ou libertária são subjugados pela força. O sistema do bolchevismo centraliza todas as moitas do poder. E anula-se dessarte todo assomo de liberdade como se tem visto, atualmente, na prática. Nenhuma região, nenhum povo, nenhum homem é livre em suas ações ou em seus direitos como cidadão.

A revolução russa não é socialista, nem o foi, visto não respeitar nenhuma prática federalista! Sustém-se sobre uma ditadura com base na antiga burguesia de toga e espada a que chamaram do Proletariado, pura mentira, apenas para imporem uma situação verdadeiramente caótica para os que fizeram a revolução. Não é igualitária já que existem assalariados, se pagam impostos ao Estado patrão, há burocracia e capitalismo particular, se mantém de pé um exército enorme com fito de guerra e, mais ainda, instituições policiais e de repressão.

A revolução russa, posterior à de 1871 em Paris, nada aprendeu dela. Quando, por exemplo, a Ucrânia se inclinou às práticas federalistas e libertárias, foi rapidamente submetida pela força ao poder unitário de Moscou.

A Revolução Espanhola, operada muitos anos depois da Revolução Francesa e a 34 da revolução russa, adquire maior transcendência social, foi a segunda alicerçada sobre verdadeiras bases federalistas, a primeira que, sem necessidade de proclamá-lo, foi socialista e libertária.

A Revolução Espanhola que irrompeu em 19 de julho de 1936 não é passado; é presente e futuro; não se pode facilmente apagar; é daqueles que marcam etapas decisivas na marcha da humanidade para uma vitória melhor. Representa a incalculável força que encerra a paixão da liberdade. Simboliza — em seu heroico sacrifício, em sua experiência criadora — a capacidade do mundo do trabalho no forjar seu próprio destino. A Espanha é um povo que em si mesmo creí! Um povo que sabe querer e com vontade própria, que compreendeu o homem está acima da lei e da autoridade, que apurou que o homem pode, a todo momento, ser homem, dono e soberano de si mesmo no concerto dos homens e povos livres.

E a Revolução Espanhola de 19 de julho de 1936, que circunstancialmente foi detida e afogada em sangue generoso pelo caudillo Franco unido ao clero, ao militarismo e às potências do Eixo Berlim-Roma, iniciou uma era de formidáveis agitações, de profundos seísmos que só terminará quando se cclimar o fim determinado pelo povo espanhol e pela história: a evolução das sociedades, o curso das idéias morais, o progresso científico, os princípios da economia e a vontade dos homens.

Estamos no exílio e fora do exílio, em 1952, vencidos ontem pela reação e pelo capitalismo internacional; mas, a Revolução continua na Espanha desde 1936, dita em que se subleou o Caudillo e deu o golpe de Estado; mas, em que pese a todos, nada nem ninguém poderá detê-la!

LITERATURA SOCIAL

- Anatomia da Paz, Emery Reyes 20,00
- Idéias Absolutistas no Socialismo, Rudolf Rooker..... 15,00
- Eu creio na humanidade, Ferreira da Silva..... 20,00
- A doutrina Anarquista ao alcance de todos, José Oiticica Procreação Racional, Marie C. Stopes 18,00
- 20,00
- Em Espanhol:
- Estampas del Exilio em América, J. Peirats..... 25,00
- La crisis del socialismo, J. García Pradas..... 12,00
- Romancero de la Libertad, Gregorio Oliván..... 13,00
- La Revolución y el Estado, García Pradas..... 17,00
- Páginas Selectas, Multatuli..... 10,00
- Antologia de Pensamentos, Gonzales Pradas..... 10,00

Pedidos à Livraria Minerva, rua Cristóvão Colombo, 16 — Porto Alegre Rio Grande do Sul
Atende-se pelo Reembolso Postal

COLEÇÕES DE "AÇÃO DIRETA"

Para completar algumas coleções de nosso jornal, faltam-nos os seguintes números: 2, 15, 17, 27, 28, 30, 31, 40 e 45. Aos leitores que os tenham e os possam dispensar, pedimos que no-los remetam para a Caixa Postal, 4588.

COMPANHEIROS!

"AÇÃO DIRETA" representa grande soma de trabalho e muita despesa. Cada exemplar custa mais do dobro do seu preço de venda. Isso não permite que aumentemos a tiragem atual, já insuficiente. Por tal motivo, a todos pedimos que, depois de lerem este jornal, se não o colecionam, procurem aproveitá-lo ao máximo, emprestando-o, dando-o ou devolvendo-o para a nossa Caixa Postal. Jogá-lo fora ou utilizá-lo como papel de embrulho será lamentável desperdício.

Dir-se-á serem essas, palavras tornitroantes de visionário, e não princípios práticos de socialismo "construtivo". Mas o espírito do chamado homem prático é destruidor da única força que pode trazer à existência uma comunidade socialista. Era profecia, corrente, nos anos anteriores à guerra, que o socialismo de Estado constituía ideal visionário, de realização impossível. Aparte o fato de, neste último quarto de século, se estar dirigindo cada país industrial do mundo, a passos de gigante, para o socialismo de Estado, há o exemplo da Rússia para provar que possível é uma organização centralizada de produção e distribuição, uma vez que haja visionários bastante impiedosos e, nesse caso, suficientemente desumanos, para levar o ideal à prática. Não posso crer que esse tipo particular de organização social se possa sustentar por longo tempo, porquanto, como já fiz sentir, ele não é orgânico. Mas se uma forma de sociedade tão arbitraria (ou, se quiserem, lógica) pode ser estabelecida, mesmo por alguns anos, mais viável é que uma sociedade que não contradiga as leis do crescimento orgânico se possa estabelecer e ficar.

Um começo foi feito na Espanha, a despeito da Guerra Civil e de todas as restrições impostas pelo estado de emergência. A indústria têxtil de Alcoy, a indústria de madeiras de Cuenca, o sistema de transportes de Barcelona, constituem alguns exemplos das muitas comunidades anárquicas que funcionaram eficientemente por mais de dois anos. Foi demonstrado, acima de qualquer possibilidade de refutação, que quaisquer que possam ser os méritos e deméritos do sistema anarco-sindicalista, ele pode funcionar e funciona. Uma vez que prevaleça sobre a vida econômica inteira de um país, passará a funcionar melhor ainda e a promover um "standard" de vida melhor que o alcançado em qualquer forma de organização social precedente.

Não tenciono repetir com qualquer minúcia as propostas socialistas para organização da produção e da distribuição. O princípio geral é claro: cada indústria ajunta-se em federação de coletividades autônomas; A administração de cada indústria fica

FILOSOFIA DO ANARQUISMO

Por HERBERT READ

Tradução direta do Ver os números 76, 77, 78, 79 Inglês por DANIEL BRITO e 82 de AÇÃO DIRETA

V I

inteiramente nas mãos dos trabalhadores da mesma e essas comunas administram, totalmente a vida econômica do país. Que haverá algo da natureza de um parlamento da indústria para ajustar as relações mútuas entre as várias comunidades e para decidir sobre assuntos gerais de arbitramento, entende-se por si mesmo, mas tal parlamento não será, de modo algum, um corpo executivo ou administrativo. Formará uma espécie de serviço diplomático industrial, ajustando relações e preservando a paz, mas não possuindo nem poderes legislativos nem condição privilegiada alguma. Haverá também um corpo correspondente para atender aos interesses dos consumidores, ou para fixar questões de preço e distribuição com as coletividades.

E de admitir que todas as espécies de dificuldade deverão ser vencidas, mas o próprio sistema é a simplicidade mesma, em comparação com o monstro do controle estatal centralizado, o qual opõe distância a tal ponto desumana entre administrador e produtor, que dá azo à intercorrência de mil e uma dificuldades. Desde que se faça da subsistência, e não do lucro, o motivo da ajuda mútua, todos os argumentos se dobram em favor da administração social, da iniciativa individual e da igualdade absoluta. Outrossim, é bem certo que sempre algum deus ex machina se meterá a reger as cousas em benefício próprio, interpondo trave na roda para satisfação de sadismo.

O único outro problema prático por considerar nesse es-

tágo é o que antes denominarei interpretação da equidade, que administração da justiça. É óbvio que a grande massa de processo civis e criminais simplesmente desaparecerá com o passamento do imperativo de lucro; os que ficarem — sanhas artificiais de mania possessoria, insatisfação e fraqueza pessoal — serão, em grande parte julgados pelas coletividades da mesma forma que as cortes das velhas confrarias cuidavam das ofensas feitas à paz da paróquia. E' verdade que certas tendências perigosas persistirão, as quais não de ser mantidas sob vigilância. "Manter sob vigilância" é a tecla que primeiro nos vêm à memória. Ela indica, entretanto, os métodos repressivos da velha moral. A palavra mais certa deveria ser "sublimar" e, com isso, queremos dizer: obtenção de extravasamentos inofensivos de energias emocionais que, reprimidas, se tornam más, anti-sociais.

Os instintos agressivos por exemplo, podem ser transferidos para competições desportivas de vários tipos: até mesmo agora, os povos mais desportivos são os menos agressivos.

O problema inteiro do Anarquismo descansa sobre um axioma geral que torna especulações particularizadas dessa natureza de todo ponto inessenciárias. Tal axioma é o que inferir ser a espécie desejável de sociedade um ser orgânico, não, aiás, simplesmente análogo a um ser orgânico, mas, realmente, uma estrutura vivente com apetites e digestões, instintos e paixões, inteligência e razão. Tal qual o homem pode manter-se saudável pelo próprio equilíbrio dessas faculdades, assim pode viver uma comunidade natural e livremente, sem a doença do crime. O crime é um sintoma de enfermidade social — de pobreza, de desigualdade e de inibição. E' livrando o corpo social desses males que, consequentemente, se liberta a sociedade do crime. A menos que acredite nisso, não se pode ideal ou fantasia mas como verdade biológica, não pode algum ser anarquista. Mas quem professa tal crença, logicamente chegará ao anarquismo. A única alternativa é ser cético ou autoritário — ter tão pouca fé na ordem natural, que tente constringir o mundo em algum sistema artificial de engendramento próprio.

DOS MEIOS DEPENDE O FIM

Por J. GARCIA PRADAS

Não há problema político — ou social, que tanto vale dizer — mais complicado e difícil de resolver, que o da redução de fins teóricos e meios práticos ao mesmo denominador, a uma verdadeira homogeneidade. É fácil conceber uma excelente utopia, um bom sistema de organização social, em comparação ao difícil que é implantar-se este ou converter aquela em firme realidade. Tão desgraçado é tal fato, que, por isso, se diz com razão que a política — e muito mais a não estatal que a estatal — “é a arte do possível”. Porque, ao levar à prática o melhor plano político, é preciso resolver vastíssima cópia de realidades sociais, que, muitas vezes, resolvem quem o intenta; e também porque, na vida social, há um patete determinismo que é o da ordem em que se alinham e desenvolvem seus inúmeros fatores, o dos trilhos em que é posto o trem da sociedade. Se esses fatores, em virtude de sua força e natureza, começam por obrigar-nos a aceitar determinada ordem, certo sistema, deste depende depois a evolução da sociedade, — não por completo, mas em bem alto grau —. Em poucas palavras: para chegar a uma meta, é preciso traçar um caminho — pois nem por todos os caminhos se vai a Roma —, e o caminho depende em grande parte do terreno em que se há de abrir, de maneira que pode ocorrer que nos leve a lugar distinto do desejado, ou, para atingir um fim, ter-se-á de apelar para certos meios, e estes quer ajustem seu praticismo a contingências de um momento, quer padeçam os vícios originais dos que os usam, podem dar — e dão efetivamente — resultados bem distintos dos que se esperavam.

Dos meios depende o fim; é velho o dito. E não é menos antiga a ideia de que a bondade do fim justifica o uso de maus meios. Porém, esta última, tão sofisticada, só ser repugnante à digna proibição que renuncia ganhar fazendo trapaceas, é, na extensão e na prática tão funesta como falsa. A adoção dos maus meios para obter um bom fim dá lugar a que se olvide tal fim por influência de tais meios; estes serão nossas ferramentas ao começar o trabalho, porém, não tardará muito, far-nos-ão seus instrumentos. E mesmo quando são nossas ferramentas, deixam seu vestígio em nossos produtos, condicionando-os sempre. Um automóvel é como é, não somente porque nós, os homens que o usamos, temos certa feição física, mas também porque o fazemos com certos materiais e ferramentas, e porque certos elementos, alheios a ele e a nós, condicionam o uso — e, portanto, o caráter — do veículo. Tudo importa e só se logra um fim por meios correlatos, que nem o neguem, por contrários, nem o percam, por impraticáveis.

Nós, os anarquistas, condenamos sempre o maquiavelismo de que o bom fim serve de excusa aos maus meios. Isso felizmente, copiamos aos cristãos, e, sem dúvida, o temos feito ainda — como tantas outras coisas — por cristianismo inconsciente, hereditário e ambiente. Porém, também como os cristãos... de pacotilha, por muito tempo usamos meios em oposição a nossos fins, contrários a eles parcial ou absolutamente, tanto mais, quanto mais os adotamos negando essa oposição ou passando por cima dela. Tal é o problema — moral e prático, de dignidade e de conveniência — que aqui ofereço à atenção de todos os meus companheiros, tão obrigados como eu mesmo a considerá-lo — e se possível — a resolvê-lo.

HERÓIS DE ANCHIETA

Por LISENKO

Estamos ainda sob a viva lembrança dos sangrentos acontecimentos, ocorridos com a fuga de detentos do famigerado Presídio de Anchieta, no Estado de São Paulo. Muito sangue correu. Muita vida sacrificada, mas não foi em vão. Um grito de liberdade, mesmo quando abafado de ferro e fogo, não desmerece o valor histórico-social da fato. É um exemplo das possibilidades latentes nos seres humanos, para alertar aqueles que vivem parasitando a massa proletária.

O homem, fundamentalmente, é bom, e puro. É o meio social, é o pernicioso modo de vida, imposto pelas armas, pela ignorância, pela religião, que fomenta, que cria os criminosos. Uma sociedade estruturada com base no crime, como a nossa (pois a propriedade é um roubo) só pode gerar indivíduos criminosos, na sua maioria. Vivemos num mundo de aberrações e atitudes más, rotuladas pela tradição e pelo preconceito como certas. Com exceção dos casos patológicos, os crimes são movidos pela ambição da riqueza e pela insatisfação sexual. Não havendo a propriedade e sendo

o amor livre, de muito diminuído.

Aplaudimos a extraordinária coragem e argúcia na operação de conquista de toda a ilha e da conseguinte fuga. Eles foram valentes. Tudo lhes era tremendamente contrário e hostil. Esta mesma sociedade responsável pelo degradante estado moral e social em que se encontravam, caçava-os, agora, como animais bravos, como feras, sem a menor contemplação ou piedade.

Milhares de irmãos nossos, inadvertidamente, prontificava-se a lutar e prender os foragidos, contribuindo assim para fortalecer, contra si próprios, o preconceito autoritário. Muitos destes “valentes voluntários” tremiam a valer, anos atrás, quando da possibilidade de irem lutar contra os alemães na Itália, porém, para caçar homens vencidos, todos se prontificavam. Que maneira pequena de ser grande!...

Não há leis, não há autoridades, não há propriedade; são meras convenções, ideias macabras, forçadas por cérebros de homens que exploram homens.

Figuras do Anarquismo



CAMILO BERNIERI

Nasceu em Lombardia, — Itália — no ano de 1897, dedicando-se, muito jovem, ao movimento anarquista. Foi professor de filosofia na Universidade de Florença e colaborava assiduamente nas revistas americanas e periódicos de ideologia anarquista. Dirigiu por muito tempo o jornal A DEFESA, órgão da Federação Anarquista Toscana e tomou parte ativa no movimento libertário mundial. Expulso da Itália no advento do fascismo e, mais tarde, de França, dirigiu-se à Espanha, onde Franco acabava de sublevar-se.

Dedicou extraordinário entusiasmo ao triunfo da Revolução Espanhola. Tornou-se, desde logo, um elemento excessivamente odiado pela corja bolchevista.

Aos 5 de maio de 1937, às 6 horas da tarde, 12 agentes da G.P.U. sequestraram Bernieri. Neste mesmo dia, o Hospital Clínico de Barcelona anunciava que seu corpo fora encontrado crivado de balas.

A autopsia efetuada revelou que os tiros foram disparados a queima-roupa, estando o assassino colocado atrás da vítima.

Camilo Bernieri foi um dos valores mais completos do anarquismo contemporâneo. Reunia em si condições de talento excepcionais.

Era um dos escritores mais bem informados do campo libertário, o que permitia escrever sobre os mais variados temas, que sabia tratar com erudição surpreendente.

Deixou, ao morrer, uma obra documentadíssima sobre a intervenção italiana na guerra civil Espanhola.

Neguemos tudo isso e um mundo mais claro se abrirá, pelo menos, em nosso íntimo.

Agora, sirvam estes acontecimentos de lição para aqueles que vivem explorados, espezinhados, humilhados pela miséria, pela opressão, e com lutar inteligentemente, como o fizeram os detentos da ilha de Anchieta. Se todos os explorados assim o fizermos, as coisas estariam mudadas, o preconceito autoritário cairia e os opressores não poderiam destruir todos os obreiros,

CAPITALISMO E ALCOOL

Em novembro passado, na câmara dos ilustres senhores deputados, um deles, Luis Campagnoni chamado, deu-nos algumas indicações valiosas sobre o consumo de bebidas. Há bebidas nacionais e bebidas importadas. Como sabem todos, igualmente, há bebidas aristocráticas e bebidas plebeias. Todas, finas ou vulgares, são, tirando as perfumarias e os aparafusos, uma coisa só: álcool.

O sr. Campagnoni não parece cavalheiro das sociedades de temperança, inoperantes e ingênuas. Como tal, não berrou contra a cachaça, suas personificações e engodos. Nada disso. Levantou-se apenas, contra o excesso das importações de bebida estrangeira, assoladora da bebida nacional. Ora, o que se importa são bebidas finas e as bebidas finas são para os que têm grana. Convém transcrever as palavras informativas do sr. deputado. Diz ele: “Em 1949, importamos 81 milhões de cruzeiros de bebidas; em 50, 84 milhões e, em 1951, nada menos que a fabulosa cifra de Cr\$ 212.300.000,00. Só de whisky importamos, no ano passado, mais de 43 milhões de cruzeiros, cerca de 3 milhões de dólares ao câmbio fácil do Banco do Brasil”.

“Neste ano, prossegue ele, os acordos comerciais autorizam as seguintes importações: — da Itália, 540 mil dólares de vinhos e 80 mil dólares de outras bebidas; — da França, 250 mil dólares de vinhos; 700 mil dólares de champagne e 250 mil dólares de outras bebidas; — da Espanha, 200 mil dólares de vinhos e outras bebidas; — de Portugal, 100 milhões de escudos (cerca de 65 milhões de cruzeiros) de vinhos e outras bebidas; — da Alemanha, 50 mil dólares de vinhos; da Grécia, 150 mil dólares de vinhos e outras bebidas; — da Jugoslávia, 100 mil idem, idem”.

E o sr. deputado insiste na desnecessidade de tantos dólares de cachaça enfeitada. O álcool nacional já se atavia muito bem, segundo pareceres de técnicos e da escritora nacional Rachel de Queiroz, entendidíssima, parece, no assunto.

Concluímos, de tudo isso, que a granfinagem brasileira está imitando superiormente a granfinagem americana qual se mostra nos filmes onde o drink é instituição nacional, vencedora até da sua alta, o fumo.

Tem passado realmente a moda, mormente agora no sexo feminino da alta, beberem imoderadamente, a toda hora, o todo instante, sem nenhuma atenção a despesas pois o dinheiro é fácil.

Há um bradar alarmante contra o álcool devastador; mas, o vozerio é impotente contra os interesses criados dos capitais aplicados na produção de bebidas. Só o que se esbanja em reclamos, na propaganda de tais aperitivos, dária para construir casas para todos os favelados, ou acudir eficazmente às secas nordestinas. Com efeito, só o que se tem importado este ano ascende a 2 milhões, 320 mil dólares, cerca de 500 mil contos. Em cinco anos, ou dez, que formidável quantidade.

Tudo isso se escolha pelo tubo digestivo da louca humanidade sem proveito visível. Passa, não como alimento possível, sendo como vício.

Bradar contra a nefasta indústria e o nefasto comércio? Inútil, porque o próprio Estado, camorra dos dinheirosos e seus vasallos, os políticos, ampara a exploração, premia os produtores e anima, por todo modo, a intensificação do consumo.

Em sociedades anárquicas, tudo isso desapareceria como por encanto, fabricando-se apenas vinhos e cervejas inocentes, alimentos e estimulantes, mas para todos.

Dispensar-se-iam, é claro, os enfeites e os reclamos. A cachaça, essa, desapareceria totalmente.

AOS LEITORES DE “A PLEBE”

A PLEBE, o valente paladino dos ideais libertários no estado de São Paulo, vem de ter suspensa sua publicação. Resolução que foi tomada por seu grupo editor em virtude da recusa sistemática dos proprietários de tipografias de imprimirem um jornal anarquista.

Todos os antigos leitores de A PLEBE que desejarem receber Ação Direta, pe-

di-mos enviem o nome e endereço para nossa Caixa Postal, que teremos o prazer de remeter nosso jornal até que os Companheiros de S. Paulo consigam vencer esse transitório obstáculo. Por outro lado, a partir do próximo número, iremos publicando uma série de cartas dirigidas a A PLEBE, de interesse geral e que, pelo motivo já exposto, não foram ainda publicadas.

pois a quem iriam explorar depois?...

Os foragidos da ilha de Anchieta nos deram uma prova cabal da chamada “ação direta”, na luta pela Liberdade. Vê, meu irmão, que ora me lê, o quanto somos fortes, quando agimos coordenados, tacticamente em prol daquilo que achamos justo! Vê como aquele punhado de homens lutaram contra centenas de “pe-

ças” do Estado. Se esses homens tivessem sido auxiliados moral e materialmente pelo povo, poderiam ter feito muito pela Liberdade. Há certos tipos de vida que são indignos de serem vividos. E morreram lutando.

Assim é que morrem os bravos; assim é que morrem os fortes. Vivam os heróis de Anchieta, que tombaram na luta pela Liberdade!...

PEDRO KROPOTKIN E A CRÍTICA DE JOSÉ VERÍSSIMO

“O Príncipe Kropotkin, ou Pedro Kropotkin como ele desde a juventude preferiu assinar-se, tem duas celebridades, a de cientista, no seu ramo, um dos mais consideráveis da Europa, e a de revolucionário. Foi esta, certamente, que fez famoso o seu nome, mas o que completa e distingue a sua feição de revoltoso, o que faz dele um ente à parte entre os diretores dos chamados partidos revolucionários, é, além da circunstância do seu alto nascimento, a conjugação íntima na sua personalidade do homem da ciência e do homem da humanidade. Amou-as a ambas com uma devoção ingênua e profunda, e como lhe pareceu sempre que a ciência como a literatura, como a arte, como todos os resultados da inteligência e da indústria humanas, não podiam ter outro fim que servir a humanidade, se alguma daquelas suas devoções sacrificou à outra foi a da ciência.

“Nasceu Kropotkin no velho bairro aristocrático de Moscou, a cidade santa e tradicional da Rússia, em 1842, e aí passou os quinze primeiros anos de sua vida. Vinha de uma velha família da mais alta fidalguia russa. Seu pai, militar como todo nobre russo, pertencera de corpo e alma à antiga Rússia, do tempo de Nicolau I. Imbuído de todos os, já então anacrônicos, preconceitos de casta, era brutal, tirânico na família, despótico com os seus subalternos. Sua mãe, ao contrário, doce e meiga criatura sofredora, “era indubitavelmente — afirma o filho comovido após tantos anos passados depois da morte dela — uma mulher notável para o tempo em que viveu”. Perdeu-a quando apenas tinha três e meio anos de idade, mas conservou dela uma piedosa reminiscência. “Muitos anos após a sua morte, refere nestas suas Memórias (1), descobri em um canto dum aposento da nossa casa de campo um maço de papéis, cobertos com a sua firme, mas linda letra: diários em que ela presentemente descreveu cenas da Alemanha e falava das suas tristezas e dos seus anhelos de felicidade; livros que enchera de versos russos proibidos pela censura, entre eles as formosas baladas históricas de Kéleiev, o poeta que Nicolau fez enforcar em 1826; outros livros com músicas, dramas franceses, versos de Lamartine e poemas de Byron por ela e muitas aquarelas”. A primeira educação de Kropotkin foi confiada a duas aias, uma russa, outra alemã. Para lhe começar a instrução, vieram depois um pre-

ceptor francês e um estudante russo. A instrução lhe era dada do modo mais irracional e brutal pelo francês, destróio do Grande Exército da invasão napoleônica. A vida no palácio Kropotkin era um misto de grandeza e miséria, como em muitíssimas daquelas casas fidalgas, onde o fausto naqueles tempos se mantinha a custa das mesmas necessidades da vida corrente. A sua família de oito pessoas ocupava no serviço doméstico cinquenta servos em Moscou e quase a metade mais no campo. Ali tinham quatro cocheiros, seis cozinheiros e doze copeiros. Cada pessoa à mesa tinha um esclaveiro atrás de si. Era pelo número de “almas”, isto é, de servos que possuíam os nobres que se lhes media a fortuna. Mas como de fato as rendas não correspondiam a essas “almas”, a vida da nobreza era, em geral, faustosa na aparência, e miserável na realidade. Dessa vida, que lembra por alguns aspectos a do Harpágio de Molière, — com a diferença que ali era a pobreza real e aqui a avareza que determinava as misérias e ridicularias — faz Kropotkin um quadro magnífico de realidade e delicioso de bom humor. Concluídos os seus primeiros estudos, passou ele ao Corpo de Pagens, instituição fidalgo-militar, da qual saiu oficial. Sendo o primeiro do seu ano, foi, por isso, escolhido para o serviço pessoal do imperador Alexandre II, a quem tinha a obrigação de acompanhar e seguir, como se lhe fora a sombra. Kropotkin, conforme a grande número de moços da nobreza russa àquela tempo acontecia, estava já imbuído das ideias liberais, que acabavam de obter um triunfo com a emancipação dos servos. No mesmo Corpo dos Pagens alguns dos professores, estrangeiros ou russos, eram liberais, e um deles emprestava a Kropotkin obras de livre pensamento. Seu irmão Alexandre — e é um dos encantos deste livro esta grande e terna amizade destes dois irmãos — alguns anos mais velho do que ele, espírito liberal, do matiz dos que queriam dar à Rússia uma constituição, escrevia-lhe longas cartas em letra intencionalmente miúda para poupar papel, expondo-lhe e discutindo com ele questões sociais e políticas, e fornecia-lhe também livros.

Mas vivendo na intimidade da corte, sentiu o jovem pagem que nada havia de esperar dela para bem do país e que Alexandre II continuaria a tradição despótica dos tzars. Saindo offi-

cial, à conclusão dos seus estudos, Kropotkin, que desadorava a carreira militar, como a vida de corte, e começava a achar-se mal naquele regime, a que por sua casta e educação pertencia, surpreendeu e desgostou os seus colegas, a seu pai, aos seus superiores e mestres e ao próprio Imperador, escolhendo, como era seu direito, um batalhão da extrema Sibéria para nele servir. O que com essa resolução procurava era evitar a vida inútil das guardas europeias e da corte, e poder utilizar a sua boa vontade e as capacidades que sentia em si em estudos científicos naquela região nova do Amur, onde os russos então operavam, e, ao mesmo tempo, fazendo parte da administração, concorrer para lhe corrigir os defeitos e melhorar a sorte dos condenados. A sua vida na Sibéria foi de um trabalhador científico e de um funcionário inteligente, ativo, laborioso e devotado ao bem público. A parte em que a descreve tem um vivo interesse humano e dramático; vem dela uma sensação de mocidade forte e boa, de vida e de esperanças. Dera uma direção nova aos trabalhos técnicos e às obras de que fora encarregado, conseguira aliviar no seu distrito a sorte dos condenados e da população indígena, fizera, viajando disfarçado em mercador, excursões na China septentrional, das quais resultaram importantes descobertas geográficas, estudara a estrutura geológica das cadeias de montanhas da Ásia central e da Sibéria. Mas o seu espírito e o seu coração se não compadeciam com a vida militar e oficial, e de volta a S. Petersburgo deu a sua demissão do serviço do exército.

Entrou então na Universidade, “sentando-me nos bancos, diz ele, entre manebos, quase rapazes, muito mais moços que eu”. No entanto, tinha apenas 25 anos, quatro dos quais passados na Sibéria.

(1) *Memoirs of a Revolutionist*, by

P. Kropotkin, London, 1899, 2 vols.

N. R. — Esta é a primeira parte de um artigo de José Veríssimo, conceituado crítico literário, membro da Academia Brasileira de Letras, o qual se encontra entre os que constituem o volume “Homens e Coisas Estrangeiras”.